



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - PROEAD  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA A DISTÂNCIA**

**VALMICIANA CARVALHO DE SOUZA**

**A CONVIVÊNCIA COM A SECA NO MUNICÍPIO DE PIANCÓ-PB**

**JOÃO PESSOA  
2019**

**VALMICIANA CARVALHO DE SOUZA**

**A CONVIVÊNCIA COM A SECA NO MUNICÍPIO DE PIANCÓ-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),  
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena  
em Geografia na modalidade à distância como  
requisito para a obtenção do título de  
Licenciado em Geografia, em cumprimento às  
exigências para a obtenção do grau.

**Orientador (a): Professora Marceleuze  
Tavares.**

**JOÃO PESSOA  
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729c Souza, Valmiciane Carvalho de.  
A Convivência com a Seca no Município de Piancó-Pb  
[manuscrito] / Valmiciane Carvalho de Souza. - 2019.  
33 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - João Pessoa, 2019.  
"Orientação : Profa. Ma. Marceleuze Tavares, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância."  
1. Geografia. 2. Semiárido. 3. Seca. 4. Nordeste da Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 910

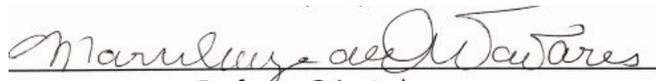
**VALMICIANA CARVALHODE SOUZA**

**A CONVIVÊNCIA COM A SECA NO MUNICÍPIO DE PIANCÓ**

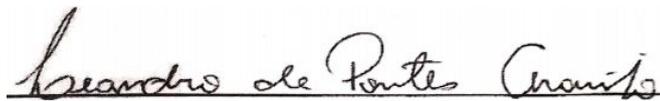
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia, modalidade de ensino a distância, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia, em cumprimento às exigências para obtenção do grau.

Aprovado(a) em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

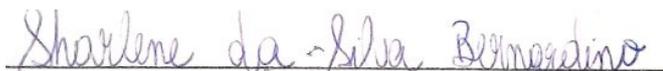


Prof<sup>ª</sup>. Ms. Marceleuzê Tavares (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Leandro de Araujo Pontes  
Examinador(a)

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Sharlene da Silva Bernardino



Examinador(a)

## RESUMO

Nosso trabalho tem como finalidade o estudo e a interpretação dos efeitos das longas estiagens, conhecidas como secas, que ocorrem periodicamente na área do Semiárido Nordestino Brasileiro. Abordaremos a ocorrência das secas em relação às atividades econômicas, à vida e à organização social dos moradores da área rural do município de Piancó. A Paraíba apresenta grande parte de seu território incluído no denominado Polígono das secas, do qual o município de Piancó é parte integrante. A razão da nossa escolha por este tema envolve tanto ligações afetivas com o lugar, quanto nosso interesse geográfico pelo desvendamento de uma situação que demanda soluções desde tempos históricos. Além da literatura sobre o tema das secas, buscamos nos depoimentos de pessoas que vivem e trabalham na área, a compreensão do seu contexto, levando em consideração as interpretações dos entrevistados, sobre a problemática da área escolhida para desenvolvimento de nosso estudo.

**Palavras- Chave:** Semiárido. Seca. Atividades econômicas.

## **ABSTRACT**

Our work aims the study and interpretation of the effects of the long period of absence of rain, known as Drought which often occurs on the área of the Semiarid Brazilian Northeast. We'll approach the occurrence of Droughts and its effects on the economic activities as well as the social-economic life of the inhabitants of the rural area of Piancó district. The Paraíba State has a big part of its territory included in the so called Polygon of Droughts, which Piancó is integrated in. Our choice for this theme comes from affective links to this place as well as our geographical interest on its climatic and socioeconomic situation. Beyond our bibliographic and Internet research, we will take in consideration the opinions and judgments of these rural workers who inhabits over there.

**Key words:** Semiarid.Droughts. Economic Activities.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos que estiveram presentes em minha trajetória acadêmica e a todos que contribuíram com sua força, conselhos, ajuda e colaborações. Jamais os esquecerei e sentirei bastante saudade deles.

A meus pais, que sempre me apoiaram nos estudos e nas horas difíceis. Foram eles que me incentivaram a estudar.

À professora orientadora Marceleuze Tavares, que sempre foi presente, auxiliando nas dúvidas, propondo metodologias, e também pela ajuda na indicação de material bibliográfico. E também a coordenadora Carol Cavalcante, pela compreensão e profissionalismo.

Aos demais professores, que estiveram junto comigo durante essa jornada de quatro anos.

Aos tutores Leandro de Pontes, Adriane Monique e Marcelo, que apesar de não serem os meus tutores, me auxiliaram algumas vezes.

À minha tutora Sharlene Bernardino, por seu profissionalismo e dedicação. A levarei em meu coração pelo resto da vida.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, ao meu pai Pedro Carvalho, minha mãe Maria Gorete Mamede e ao meu irmão Valdebam Carvalho e ao meu esposo Mário Veloso.

*“Enquanto o poço não seca, não sabemos dar valor à água.”*  
*(Thomas Fuller)*

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Igreja Matriz de Piancó-PB.....	17
<b>Figura 2</b> - Praça da cidade de Piancó-PB.....	17
<b>Figura 3</b> - Paisagem da zona rural de Piancó-PB.....	21
<b>Figura 4</b> - Açude semi-seco na zona rural de Piancó-PB.....	22
<b>Figura 5</b> - Paisagem da zona rural do Piancó-PB.....	22
<b>Figura 6</b> - Agricultor da zona rural do município de Piancó-PB.....	24
<b>Figura 7</b> - Cisternas na zona rural de Piancó-PB.....	26
<b>Figura 8</b> - Paisagem da zona rural do município de Piancó-PB.....	29

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
2.1 DADOS HISTÓRICOS.....	16
2.1.1 Aspectos Socioeconômicos.....	19
<b>3 ASPECTOS FISIAGRÁFICOS.....</b>	<b>19</b>
3.1 A SECA.....	20
<b>4 DEPOIMENTOS DE MORADORES DA ZONA RURAL.....</b>	<b>24</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
REFERÊNCIAS.....	32

## 1 INTRODUÇÃO

O município de Piancó está localizado na região oeste do Estado da Paraíba, limitando-se com os municípios: ao sul Santana dos Garrotes, a Sudoeste Itaporanga, a oeste Igaracy, ao norte Coremas e a leste, Olho d'Água e Emas. Ocupa uma área de 531,9 Km<sup>2</sup>. O acesso a partir de João Pessoa é feito através da BR 230 até a cidade de Patos, onde torna-se BR 361, percorrendo 80 Km até a sede municipal, a qual fica distante 391,9 Km da Capital (IBGE, 2014).

A área territorial do município de Piancó é de 564 Km<sup>2</sup>. De acordo com o Censo Demográfico IBGE 2010, sua população total era de 15.465 hab., apresentando, portanto, uma densidade demográfica de 27,42 hab./Km<sup>2</sup>. Desta população 7.491 é constituída por homens e 7.974 por mulheres. Apresenta uma altitude média de 264 m e clima caracterizadamente semiárido.

O semiárido nordestino é marcado por grandes períodos de estiagem e em consequência disto, a população desta área geográfica convive constantemente com a falta de água, situação que prejudica a prática efetiva de agropecuária e da agricultura durante todo o ano. Esta é uma situação recorrente, ou seja, o fenômeno das Secas é cíclico, de modo que se faz necessário medidas governamentais de prevenção contra as situações previsíveis, que se instalam quando da ocorrência das grandes estiagens. Entendemos, portanto que o quadro social dos municípios do Semiárido atingidos pelas Secas, demanda a necessidade de políticas públicas específicas voltadas para o atendimento às pessoas que habitam e trabalham nessa região.

Estamos nos referindo à categoria dos trabalhadores rurais e a dos pequenos proprietários, cujas atividades econômicas de plantio e criação de animais é extremamente afetada pela falta de água. Para estas pessoas não é fácil morar em uma região semiárida, pois se constitui um desafio para as famílias conviver com condições desfavoráveis, que comprometem a sua sobrevivência. Esta é a realidade dos habitantes do município de Piancó - Pb, principalmente aqueles que residem na área rural e ainda dependem da agricultura e/ou pecuária como forma de sobrevivência.

Entretanto, temos consciência de que a Seca não é o único desafio à sobrevivência dos trabalhadores residentes na área do Semiárido nordestino. A

estrutura agrária, em que prevalece a concentração de terras nas mãos de poucos grandes proprietários, de modo que a grande maioria da população se ressentia da falta de perspectivas de um futuro promissor para si e para sua família, também se constitui um fator de dificuldade na vida destes agricultores. O economista e sociólogo Celso Furtado, sempre preocupado com a situação do Nordeste, considerava que a solução para os problemas da região não se resumia apenas ao fornecimento de água. “Furtado partia de uma visão crítica sobre as políticas de açudagem elaboradas e colocadas em prática pelo DNOCS (Departamento Nacional de obras Contra as Secas), a chamada “solução hidráulica”, que se resumia a produzir excedentes de água numa região em que a incidência de evaporação é de mais 90% do líquido acumulado” (VIEIRA, 2005, p.15).

O município de Piancó PB está localizado no Polígono das Secas, assim denominado por apresentar um regime pluviométrico marcado pela extrema irregularidade de chuvas, no tempo e no espaço. Este fato contribui para agravar as condições de desenvolvimento socioeconômico do município, interferindo desta forma na sobrevivência das pessoas que residem nesta localidade. É importante lembrar que apesar de a seca ser um fenômeno natural, esta poderia ter seus efeitos amenizados em determinadas regiões através do emprego de tecnologias adequadas, mas para isto é preciso que haja vontade política. Outro fator que pode atrasar ainda mais o desenvolvimento desta região é a falta de estudos de abrangência regional, fundamentais para a avaliação da ocorrência e da potencialidade de recursos que possam ser utilizados no interesse de criar condições favoráveis de se conviver com a seca.

Este trabalho de pesquisa tem como problemática a seguinte questão: se houver políticas públicas voltadas para o homem do campo, a convivência com a seca no município de Piancó poderá ocorrer de forma que os agricultores se programem e possam viver sem tantos sacrifícios?

Neste sentido o objetivo geral proposto deste estudo é: analisar e entender os fenômenos da seca no nordeste brasileiro, assim como os impactos socioeconômicos causados pelas estiagens. Nossa área de estudo é especificamente o município de Piancó, parte integrante do polígono das secas no estado da Paraíba.

A intenção ao elaborar este trabalho foi o interesse de identificar e entender a problemática socioeconômica derivada de situações relacionadas ao fenômeno das secas. Neste sentido, buscamos analisar suas causas e avaliar os impactos ambientais e interferências socioeconômicas na dinâmica do cotidiano da população do município de Piancó. A necessidade de encontrar respostas à citada situação nos levou a refletir sobre a dinâmica climática, a maneira como os moradores da área têm sido afetados por ela e as formas como o Governo tem implementado medidas no sentido de resolver ou amenizar seus efeitos sobre a economia e a sociedade do semiárido.

Portanto, buscamos no decorrer do nosso trabalho, entender e esclarecer a forma como este fenômeno se manifesta e influencia as atividades exercidas pelos moradores da área, em face da recorrência das estiagens. Sabemos que, não obstante todos os avanços tecnológicos característicos dos tempos atuais, este fenômeno físico climático acontece de forma bastante repetitiva, constituindo-se uma ameaça ao desenvolvimento e acima de tudo um fator a mais de dificuldade na vida do povo nordestino e em particular da população do município de Piancó.

Desta maneira, consideramos de grande importância para nossa pesquisa os depoimentos e “histórias de vida” de moradores/trabalhadores rurais, os quais, generosamente contribuíram para a construção do nosso trabalho.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Do ponto de vista físico-geográfico, a explicação para a ocorrência do fenômeno das secas no Nordeste, pode ser dada em função da proximidade da linha do equador (o que responde pelas altas temperaturas), da dinâmica das massas de ar que atuam sobre o território nordestino brasileiro, aliados à situação do relevo local, o qual pode funcionar como barreira à passagem das massas de ar oceânico úmido. “Historicamente, as secas no interior nordestino vêm sendo registradas pelo menos desde o século XVII. Em suas *Memórias Históricas da Província de Pernambuco*, José B. Fernandes Gama, baseado em documentos do século XVII, assinala que em 1692 houve “grande fome em Pernambuco por causa da Seca” (CONTI, 1998, p.55).

Estas informações reforçam por um lado, o registro histórico do fenômeno das secas e por outro lado, na medida em que constata a recorrência e repetição das situações de dificuldades vivenciadas pelos moradores do semiárido, somos levados a reconhecer a ausência de emprego de tecnologias que pudessem amenizar a convivência dos moradores desta área com a seca.

Uma região pode ser classificada como semiárida, quando sua média de pluviosidade anual apresenta uma variação de 750 – 250 mm.

	<b>Pluv./mm</b>	<b>Vegetação</b>	<b>Áreas /Ocorrência</b>	<b>Prob. Ambientais</b>
Semiárido	750 – 250	Savana seca	África Sub-Saara	Desertificação
		Caatinga	NE / Brasil	-
	-	-	Chaco Am. Do Sul	

**Fonte:** Conti, J. B. “Clima e Meio Ambiente” – S. Paulo, Atual Ed. 1998.

“O chamado Polígono das secas não se circunscreve apenas ao Sertão; é conveniente lembrar que ele cobre alta percentagem dos territórios nordestinos. Alguns deles, como o Ceará, a Paraíba e o Rio grande do Norte, estão quase inteiramente mergulhados no Polígono (94,8%, 97,6% e 92,0%, respectivamente)” (ANDRADE, 1980, p.28).

Entretanto, além da questão puramente climática, que é importante, devemos também nos reportar à situação estrutural socioeconômica tradicional da Região. A

propriedade da terra em grandes extensões, sempre foi uma característica da forma como ocorreu a colonização brasileira e, notadamente a colonização do Nordeste. As Sesmarias concedidas aos palacianos e amigos dos soberanos portugueses, deram origem aos futuros latifúndios. Os grandes senhores de terras não se arriscavam no desbravamento das terras nem na implantação das culturas e criação de gado. “esta luta difícil em um meio hostil contra selvagens belicosos, assim como a defesa das rezes deixadas nos currais como verdadeiros marcos do avanço do movimento povoador, eram feitas pelos vaqueiros, muitas vezes escravos, e por posseiros”. (Idem, p. 162). Desta maneira, temos uma ideia da formação da sociedade sertaneja. De um lado os poderosos senhores de terra. De outro os trabalhadores e defensores da terra. Segundo M. C. de Andrade, a sobrevivência destes últimos ficava assegurada pela prestação de serviços ao “coronel” e a obtenção de um “pedaço de terra” ou “sítio” (mais ou menos uma légua quadrada), pelo qual pagavam foro anual.

## 2.1 DADOS HISTÓRICOS

Consta da história de Piancó, uma das cidades mais antigas do Estado da Paraíba que, em setembro de 1800, Francisco Dias Gomes, senhor da casa da Torre e proprietário há mais de três décadas de uma fazenda de gado que havia na localidade e que tinha como nome Pinho Sol, doou parte dessas terras para construção de uma Igreja, que era dedicada a Santo Agostinho e seria erguida às margens do Rio Piancó, com uma arquitetura invejável, mantida até os dias atuais.

Quem representou o doador durante o ato jurídico de transferência de bens, foi o Mestre de Campo Pedro Alves Cabral (filho do fundador da povoação Francisco de Paulo) e como curador e administrador da beneficiária o Sargento-Mor Manuel da Silva Passos. Esse acontecimento marca a oficialização da fundação de Piancó.

O município foi instituído pela Lei 443 de 11 de dezembro de 1831, tendo sido oficialmente instalado em 02 de maio de 1832.

Já em relação à emancipação política sua conquista se deu em 11 de novembro de 1871. Na ocasião, o recente município recebeu o nome de Vila Constitucional de Santo Antônio de Piancó. Sua instalação oficial ocorreu no dia dois de maio de 1832, mas a Comarca só foi criada em 9 de outubro de 1884 pela lei

provincial 250, e foi suprimida por decreto em 17 de abril de 1890 e restaurada pela lei nº 8, de 15 de dezembro de 1892.

A origem do nome de Piancó vem do chefe dos índios Coremas, que tinha este nome. Eles foram os primeiros habitantes da região. O mesmo nome ainda foi dado ao rio que banha todo o Vale do Piancó, constituído de vinte cidades. A palavra Piancó em Tupi significa terror, pavor (IBGE, 2014).

Na figura abaixo podemos observar a Igreja Matriz da cidade de Piancó que foi construída por volta do ano de 1948.



**Figura 1: Igreja Matriz de Piancó-PB.**  
**Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

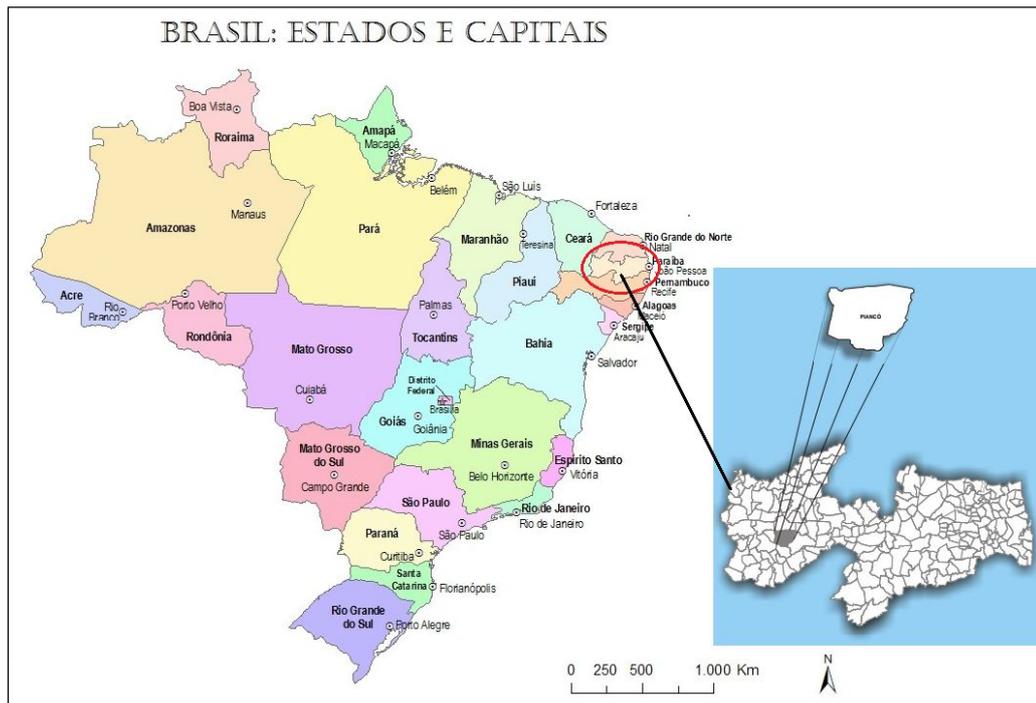
Na figura que segue podemos ver a praça da cidade de Piancó, local onde são realizadas as festas populares, como por exemplo, São João, carnaval e festas religiosas.



**Figura 2: Praça da cidade de Piancó-PB.**  
**Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

Como pode ser observado por meio do mapa, o município de Piancó-PB está localizado na microrregião do vale do Piancó.

### MAPA DO BRASIL / PARAÍBA / PIANCÓ



**Fonte:** <http://www.baixarmapas.com.br/mapa-do-brasil-estados-e-capitais/>

### **2.1.1 Aspectos Socioeconômicos**

Do total da população, o número de alfabetizados com idade superior ou igual a dez anos é de 8.025, o que corresponde a uma taxa de alfabetização de 66,6%.

A cidade é constituída de 3.825 unidades residenciais particulares e com moradores permanentes. Destas, 2.540 têm esgotamento sanitário, 2.492 são abastecidos pela rede geral de água e 1.881 pelo sistema de coleta de lixo. Em relação à saúde o município dispõe de 16 unidades ambulatoriais e 02 hospitais.

Com relação ao aspecto educacional o município conta com 59 estabelecimentos de ensino fundamental e 02 colégios de ensino médio.

No que diz respeito à agropecuária, constatamos que a mesma está em segundo lugar, porque prioritariamente, estão os estabelecimentos comerciais. Estas duas atividades são as mais importantes, em relação à economia do referido município, que possui 192 empresas atuantes com registro de CNPJ.

O município dispõe de 01 biblioteca pública, associações recreativas e 01 Ginásio Poliesportivo, que são destinados às atividades culturais e de lazer.

O município conta com duas Agências Bancárias e tem 80% das vias urbanas pavimentadas e 85% iluminadas (BRASIL 2005).

## **3 ASPECTOS FISIAGRÁFICOS**

Com relação ao clima, o município faz parte do denominado “Polígono das Secas”, que apresenta um tipo de clima semiárido quente e seco, de acordo com a classificação de Koppen (1948, p. 478). As temperaturas são muito altas durante o dia, amenizando um pouco à noite, com variações anuais dentro de um intervalo 23 a 30° C, com ocasionais picos mais elevados, principalmente durante a estação seca.

O município apresenta um regime pluviométrico baixo e irregular com médias anuais de 751,1 mm/ano, com pluviosidade mínima e máxima de 180,0 e 1511,8 mm/ano de forma geral. Caracteriza-se pela presença de apenas 02 estações: a seca que constitui o verão, cujo clímax é de Setembro a Dezembro e a chuvosa denominada pelo sertanejo de inverno, restrito a um período de 3 a 4 meses por ano.

O tipo de vegetação é de pequeno porte, característica de caatinga xerófila, onde se destacam a presença de cactáceas, arbustos e árvores de pequeno a médio porte.

Os solos são resultantes da desagregação e decomposição das rochas cristalinas do embasamento, sendo em sua maioria do tipo *Podzólico Vermelho-Amarelo* de composição areno-argilosa, tendo-se localmente latossolos e porções restritas de solos de aluvião. (PORTAL PIANCÓ, 2014).

Do ponto de vista do aproveitamento econômico, os solos do Sertão poderiam ser agricultáveis e também apropriados para criação de vários tipos de rebanho de gado, caso a tecnologia da irrigação ou do aproveitamento de águas subterrâneas, fossem liberadas e financiadas por programas governamentais. Por serem pouco lixiviados, devido à baixa pluviosidade, os solos do semiárido concentram alto teor de minerais que os torna potencialmente férteis, desde que houvesse aporte de umidade, pela água canalizada.

Uma tomada de decisão deste porte demanda vontade política governamental e investimentos em grande escala. Entretanto, o retorno econômico e social seria de muito maior valor, beneficiando toda a sociedade.

Sabemos do Projeto do Canal do São Francisco. Esperamos que seus resultados sejam multiplicadores de desenvolvimento.

### 3.1 A SECA

De acordo com o dicionário Aurélio, a seca é a falta de chuva ou o período em que a ausência dessas acarreta graves problemas sociais. Para Menezes (2002), a seca se constitui em fenômeno climático que causa grandes problemas, principalmente para as pessoas que são obrigadas a conviver com ela. Outra situação agravada pela seca é o êxodo rural, ou seja, pessoas do campo pressionadas pela falta de oportunidades comuns às populações rurais do Nordeste migram para as cidades, em busca de uma vida mais tranquila. Infelizmente, na cidade não há absorção para a força de trabalho que deixou o campo e em muitos casos não tem qualificação profissional para os postos de trabalho porventura existentes na cidade. É muito comum estas pessoas acabarem morando em favelas e/ou sobrevivendo em subempregos.

A região Nordeste é caracterizada por apresentar áreas em condições semiáridas, e por ser composta por uma grande variabilidade de climas e paisagens, além de possuir um bioma bastante significativo. Sua pluviometria por ano varia em média de 300 a 400 mm e um máximo de 700 a 800 mm, com distribuição espacial e temporal muito irregular e desigual, concentrada em 3 a 5 meses.

Esta região se encontra numa área geológica em que predominam rochas cristalinas impermeáveis. Daí, a ocorrência de solos geralmente rasos, baixa capacidade de infiltração, por isso apresenta uma capacidade limitada de retenção natural dos recursos hídricos, alto escoamento superficial e reduzida drenagem natural (SUASSUNA, 2002).

Com a ocorrência das secas não há lucratividade nas atividades produtivas, ou seja, não há como tirar das roças o alimento, o excedente comercializável e a reserva de sementes para o replantio. As famílias que residem no sertão nordestino e no caso em estudo, no município de Piancó PB, passam a depender de ações públicas assistencialistas que nem sempre é são distribuídas de forma justa, pois no sertão ainda predomina a questão político partidária e por isso uns são beneficiados e outros não. Esta questão precisa ser vista com mais cuidado por parte de quem implementa as políticas, pois os agricultores já são demais penalizados com o fenômeno da seca e suas consequências.

Em relação às políticas públicas Teixeira (2002) afirma que elas se constituem em diretrizes e princípios que servem para nortear as ações do poder público, ou seja, são processos de mediação entre o poder público e sociedade.

De acordo com o autor citado acima “as políticas públicas têm como finalidade atender as demandas da sociedade e em especial dos setores marginalizados e vulneráveis”.

Estas políticas públicas são defendidas por muitas instituições que apoiam os movimentos sociais e lutam pela reforma agrária, entre outras. Estas representações sociais veem nestas políticas um meio de transformar esta realidade vivida secularmente pelo sertanejo que sofre com a seca. Esse seria um meio concreto destas pessoas serem incluídas em políticas públicas e desta forma terem uma alternativa de mudança na configuração da exclusão e da pobreza que afeta o agricultor nos anos de seca (ABRAMOVAY, 2001).

Porém essas políticas surtirão efeito se forem muito bem direcionadas, com o objetivo de, não apenas atenuar uma situação emergencial, porém dentro de um planejamento que objetive atender uma situação de natureza estrutural, cujas carências são assinaladas por séculos.

As imagens abaixo se referem à zona rural do município de Piancó – PB.

Nesta figura vemos as consequências da seca, pois nela é possível verificar que o solo está bastante seco, bem como a vegetação que se encontra também seca.



**Figura 3: Paisagem da zona rural de Piancó-PB.  
Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

Nesta outra figura observamos um açude semi-seco na zona rural de Piancó, esta situação afeta todos, inclusive os animais, que quase não têm mais água para beber.



**Figura 4: Açude semi-seco na zona rural de Piancó-PB.  
Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

Aqui mais uma figura mostrando o estrago que a seca é capaz de fazer, a vegetação morta, somente o xique-xique resiste e muitas vezes é utilizado como alimentação para o gado.



**Figura 5: Paisagem da zona rural de Piancó-PB.  
Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

#### 4 DEPOIMENTOS DE MORADORES DA ZONA RURAL DE PIANCÓ

1º - Pedro Carvalho, 75 anos, afirma que:

O sofrimento aqui é grande, com a falta de chuva, acaba deixando todo mundo sem água. A preocupação no momento é maior com os animais, que estão morrendo de sede e fome, e nós aqui se viramos. Não temos dinheiro suficiente pra comprar a comida pra os animais e as plantações inteiras ficam perdidas. Tenho um açude que foi construído há muito tempo, fica muito distante de casa, é 1 hora e meia pra chegar lá, mesmo assim é pequeno, o proveito que temos dele é pouco, perto desse açude tem uns tanques de pedra, com as chavinhas eles enchem e fazemos proveito também, e tem ajudado nessa seca, um pouco de água de todo lugar já diminui o sofrimento, serve tanto pra lavar roupa, pra beber e pra os animais, não é uma água tratada, mas damos graças a Deus.

O rio também não é perto, é dele que aproveitamos mais. Nas chuvadas forma poças que serve para os animais e nossas necessidades, mas é de certo período. No momento o que tá mais angustiante é pegar água de cacimbão e carregar lata na cabeça e em jumento a quilômetro de distância de casa pra encher os potes. Passamos muito tempo esperando uma cisterna, isso promessa do governo para adquirir, não foi possível, houve muitas reuniões, mas eles disseram que eu não tinha direito porque era único morador da propriedade, a prioridade era para aqueles que existisse mais moradores. Mas graças a ajuda da igreja católica que se reuniu com a população que não recebeu o benefício da cisterna. Ela doou a cisterna pra cá e pra aqueles que ainda não tinha, mas infelizmente sem chuva é impossível ter água. Nós que carregamos água do cacimbão no jumento pra encher a cisterna, que ajuda um pouco em nossas necessidades.

É uma dificuldade muito grande olhar pra um lado e pra o outro e não ver água perto de casa. Não chove forte faz tempo. Se eu pudesse já tinha saído daqui.

O que planto não se dá proveito, mesmo usando um motor puxado pela bomba pra roça, onde fiz o plantio, não tem resultado, morre logo. Estou comprando arroz, feijão e milho pra sobreviver. A seca é tão grande que os animais é distribuído, uma parte fica aqui e a outra está em uma serra onde deixo um parente tomando de conta. Lá ainda existem um açude que ainda ajuda a sobrevivência

deles, já morreu muitas, é só tristeza ver meus animais morrendo e não poder fazer nada.

Aqui não passa carro-pipa e não temos ajuda do governo e nem chove, vivemos uma vida muito difícil. Não tenho ajuda do Seguro Safra e Bolsa Família que é dado pelo governo. O motivo de não fazer parte é que eu e minha esposa já somos aposentados e meu filho é de maior, aqui a gente é excluído e esquecido, ninguém dó da gente. Somos pobre, mas somos gente também, temos os mesmos direitos que os outros, só queria que Deus olhasse nós aqui, somos esquecidos demais aqui dentro desse lugar.

Até um financiamento que fiz pelo Banco do Nordeste alguns anos atrás para plantação de capim e um açude, não consegui pagar, não houve inverno, mas agora estou ameaçado de perder minha terra, pois na época foi plantado e morreu logo, as chuvas não foi o que estávamos prevendo. Não estou mais dormindo de tanta preocupação, sou muito doente, não tenho mais saúde pra tanta coisa, minhas mãos são calejadas de tanto viver cavando terra seca.

Na figura abaixo podemos verificar que o rio se encontra em estado de desertificação, esta situação é provocada tanto pela seca (fenômeno natural) quanto pelo homem quando desrespeita a natureza.



**Figura 6: agricultor da zona rural do município de Piancó-PB.  
Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

2º - Dona Vanide Soares da Silva Pinto, 42 anos;

O maior problema com a seca é a falta de água, principalmente para beber, que não tem água tratada, a que a gente usa pra beber e cozinhar é a água do barreiro escura e de uma cisterna, que foi ajuda do governo, mesmo assim tem que andar muito pra pegar em um rio que fica muito distante, trazemos em um jumento e também carregamos latas na cabeça pra encher essa cisterna, aqui não passa carro-pipa e nem se ver falar se vai passar um dia. Pra lavar roupa tem que andar horas pra achar um poço nesse rio que dá pra lavar. Alimento aqui não tem, o que plantamos, morreu. Temos essa ajuda do governo pra alimentar minha família que é esse Seguro Safra e Bolsa Família, meu marido também faz alguma caça no mato pra nossa sobrevivência. Como tenho filhos e apenas três são maiores foi embora pra São Paulo trabalhar por causa dessa seca.

Os filhos da gente tão crescendo e vão embora pra São Paulo trabalhar por causa da seca.

3º - Rogério Carvalho Rodrigues, 39 anos:

Faz tempo que não houve inverno, com a falta de chuva é um problema grande sem água, a seca aqui no sertão é castigante demais, vivemos num apereio tão grande com os animais morrendo de fome e sede. Já perdi 15 cabeças de gado.

Tenho um açude perto de casa que fiz ligação pra casa por conta própria, mas faço uma economia grande dessa água, é dela que bebemos e cozinhamos. Também contamos com uma cisterna em casa, isso foi projeto do governo, mesmo assim não vi diferença não, eles dizem que é um reservatório pra amenizar nossos problemas.

Durante três anos só passou o carro-pipa uma vez e nem deu para chegar até minha casa. Até hoje eu mesmo encho a cisterna, carregando de um poço que tenho do rio em um jumento, ando muito pra chegar até esse rio, onde fiz um cacimbão. Mesmo assim dada, essa água que consumimos não é tratada, pois é escura e barrenta, e dessa água lava nossa roupa e fazemos uso, tem que andar léguas pra chegar até esse rio seco que consta apenas umas pequenas reservas de poço que serve pra dar água ao gado, quando secar de tudo levo ele (o gado) pra outra propriedade de um tio que já morreu e é abandonada. Lá tem um poço artesiano,

puxo água e ponho em uns cochos pra eles beberem. Em relação a agricultura, nem plantei, pois sem chuva, a terra seca demais não tem nem o que fazer. Como é só eu e minha mãe, compramos de tudo para nos alimentar, mas graças a Deus tenho minhas irmãs que trabalham e moram fora, ela manda uma ajuda de custo e minha mãe é aposentada, pois também não recebemos ajuda do governo que é o Seguro Safra. Assim vamos levando a vida, debaixo desse sol quente e seco.

Compramos cama de galinha, um tipo de ração para gado, pra manter vivo e cortamos mandacaru e xique-xique para os animais.

Esta figura mostra reservatórios de água chamados de cisternas, eles são uma das opções dos agricultores para armazenar água e utilizar durante o período da seca.



**Figura 7: Cisternas na zona rural de Piancó-PB.  
Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

4º - Joaquim Bruno Soares, 65 anos:

É muito triste conviver com essa seca, quando olho para o céu e vejo tudo limpo, sem chuva e sem água, me bate uma tristeza grande. Vendo meu gado morrendo de sede e fome, sem ter de onde tirar pra dá a eles. É difícil conviver com pouca água, o que temos aqui é de açude, onde é pra nosso convívio é de curto prazo. Contamos do rio também uma cacimba que fiz, pois é dela que bebemos e cozinhamos e ainda ajuda na lavagem de roupa. Não é uma água boa de se beber, é muito salobra. Como agricultor, moro aqui na zona rural desde que nasci, vivo numa vida de sacrifício ao longo de toda uma vida de trabalho sob o sol forte do

sertão. Só Deus sabe o quanto já trabalhei pra conseguir me manter aqui com minha família. Eu tinha umas cabeças de gado, mas tive que abrir mão e vender, não tinha mais condições pra manter, cheguei a vender muito barato o meu gado pra não ver eles morrer de fome e sede, foi minha única saída, fiquei apenas com uma vaca e um bezerro novo, que tenho tanto zelo. É uma situação difícil, essa seca tem sido muito cruel com todos nós aqui no sertão.

Cheguei até fazer empréstimo pelo Banco do Nordeste, no valor de 5 mil, paguei esse dinheiro para investir em plantações de arroz, feijão e milho. Não consegui nem pagar a primeira parcela. Sem chover e sem água de onde tirar, não tem condições. Só de um cacimbão, tenho motor, mas não tenho bomba apropriada pra puxar a água.

Não sei nem como vou pagar o banco, a minha única renda é minha aposentadoria, apenas de um salário-mínimo e também de minha esposa. O que me restou foi dívida, infelizmente não obtive resultado com a lavoura. O dinheiro que ganhamos só dá pra feira. Tenho quatro filho, mas nenhum mora aqui, foram trabalhar fora, pra o lado do sul. Se eu fosse depender das plantações já tinha morrido de fome. A cisterna que temos aqui foi com ajuda da igreja católica, mas para ser abastecida, só com minhas próprias mãos, nada de carro-pipa.

Considero a pior seca já enfrentada, nunca vi uma seca tão forte como estamos vivendo, é muito sofrimento. A situação é difícil. Só não vou embora pra São Paulo, porque não tenho idade e sou doente, mas gosto mesmo é de trabalhar.

Mesmo sem perspectivas de chuva aqui na região, tenho esperança de que dias melhores virão. Tenho muita fé em Deus, peço a ele todo dia que mande chuva pra gente.

5º - Adonilson Domingos da Silva, 48 anos:

Sou agricultor e ultimamente venho sofrendo com as consequências das secas. De uns anos pra cá ela se agravou mais ainda causando muitos transtornos e perda aos nordestinos. Fiz o possível e impossível, mas não consegui evitar o prejuízo no rebanho, atingindo mais de 85%, deixando praticamente só a semente. A ração era difícil, tanto por questão financeira, como para encontrar no mercado. A água, essa sim era um problema por questão de nível da água baixar e não ter como

encontrar água nos bebedouros, sacrificando ainda mais, tendo que perfurar poços nos rios para conseguir água tanto para o rebanho como pra nós, ser humanos. Conseguimos uma cisterna e através dos poços com uma bomba conseguida pela população, enchemos ela para o nosso consumo. Mesmo com a cisterna em casa e água que vem do poço ainda não dá pra resolver as causas, é preciso levar os animais pra outros lugares pra beber água e também se deslocar para açudes mais distantes. Pra lavar roupa, por mais que colocamos cloro na água que vem do poço para a cisterna, onde é feito o tratamento, percebemos problemas de saúde que nos afeta, causado pela água.

A renda da agricultura é péssima. Plantamos, mas não colhemos por falta de chuva. Para o sustento da família tô saindo todo dia da zona rural para urbana trabalhar como pedreiro.

A agricultura sofre muito e o pior é não ter ajuda dos governantes, onde não faz benefício para combater essa crise tanto da pecuária como da agricultura, com as consequências das secas. Até o Seguro Safra e a Bolsa Família que tínhamos, foi cortado.

Só temos que levantar as mãos pra o céu e pedir a Jesus que olhe pra nós.

6º - Severino Sampaio Leite, 47 anos:

No momento estamos vivendo uma realidade de que a opção tem sido cavar poços pra não morrer de sede. Ainda assim, tem os que não têm condições de cavar seu próprio poço. Então o sofrimento permanece, mas com menos nível, porque os que têm socorrem os que não têm. Aqui no Sítio Cabeludo nos reunimos com a população e cavar mais poços para bastecer a todos. Não adianta cisterna sem água e sem ajuda desses governos. É do poço que se enche a cisterna. A conversa de carro-pipa vim aqui como dizem por aí, é conversa fiada, nós que ajudamos uns aos outros. Aqui, água só tem por nossa conta própria.

Esse ano choveu, mas não o suficiente para encher os açudes, de maneira que garantisse água para todo o ano.

A seca nos preocupa demais, pelo fato de que ela não atinge somente nós humanos, como também os animais. Os animais aqui comem galhos secos, papel e até plásticos e outras coisas. Pasto não tem pra dar a eles, todo ano a mesma coisa

se repete, fico vendo eles caindo e lá mesmo morre, não é nem tanto a sede, é o alimento. Nós, humanos ainda podemos recorrer, mas os bichos, não. São anos trabalhados pra gente adquirir pra o nosso sustento, e quando a seca aperta, vendemos por qualquer preço, só pra não ver morrer tudo. Os nossos esforços aqui no sertão é em vão.

Quando plantamos pro nosso sustento, nem dar. As chuvas são escassas e acabam morrendo também, então é preciso comprar. Já vi pais de família chorando por falta de alimento para os filhos.

Dependemos desse Seguro Safra e dessa Bolsa Família, faço uns bicos pra ver se ameniza um pouco.

Faz tempo que sofremos com a seca, ela só causa tristeza e dor. Nós que sofremos hoje com essa seca, já ficamos pensando no sofrimento do ano que vem, que vai ser a mesma coisa.

Nesta figura podemos observar um açude já com sua capacidade de armazenamento bastante comprometido em consequência da seca, outra figura que mostra um tanque que é um reservatório que é obra da própria natureza, ainda podemos observar os animais quase sem pasto para se alimentar e uma paisagem totalmente seca.



**Figura 8: Paisagem da zona rural do município de Piancó-PB.  
Fonte: Arquivo pessoal, 2014.**

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho nos conduziu a refletir sobre as condições físico climáticas e econômico-sociais da nossa Região Nordeste, refletidas com fidelidade no contexto do Semiárido do Estado da Paraíba, mais especialmente no município de Piancó, onde nosso trabalho foi realizado.

Piancó é uma cidade antiga, fundada no início do Sec. XIX. Atualmente, sua atividade econômica mais importante é o comércio, visto que a ocorrência das secas e a falta de apoio aos pequenos agricultores/criadores invalidou esta atividade tradicional.

Entretanto, muito mais didático do que as leituras, consultas bibliográficas e buscas na Internet pelas informações e dados que constam na nossa pesquisa, foram os relatos e depoimentos dos sertanejos moradores da zona rural do município de Piancó em sua resistência e na grandeza de sua coragem diante da força impalpável de um clima inóspito, materializado no calor que abrasa a terra, seca os rios e açudes e, afastando as chuvas, encurta a vida dos animais não permitindo o nascer e crescer das plantas.

Diferentemente dos outros seres vivos, a seca não afeta uniformemente a sociedade humana. A situação, que se repete secularmente, atinge em todos os aspectos o trabalhador rural ou o pequeno proprietário, tirando-lhe as mínimas oportunidades de recompensa pelo seu trabalho. Os grandes proprietários podem diversificar seus investimentos e, desta forma, não depender exclusivamente dos produtos da terra.

Alguns entrevistados falam das perdas de seus animais, outros da má qualidade e escassez da água, outros de filhos que emigraram. Ou nos Programas do Governo que chegam para muito poucos e, pelo que foi visto, representam doações emergenciais, mas não alteram a estrutura socioeconômica. Todos falam na esperança de boas chuvas e na confiança em DEUS.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo (Coord.). **Impasses Sociais da Sucessão Hereditária na Agricultura familiar**. Brasília: Nead/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 4.ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.

BRASIL, ESTADOS E CAPITAIS. Disponível em: <<http://www.baixarmapas.com.br/mapa-do-brasil-estados-e-capitais>>. Acesso em: 03 set. 2014.

\_\_\_\_\_, Diagnóstico do Município de Piancó-PB, 2005. Ministério de Minas e Energia. Disponível em: <<http://www.cprm.gov.br/rehi/atlas/paraiba/relatorios/PIAN137.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2014.

CENSO Demográfico IBGE 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 03 set. 2014.

CONTI, J. B. **Clima e Meio Ambiente**. São Paulo: Atual, 1998.

KÖPPEN, W. **Climatologia**: com um studio de los climas de la tierra. México: Fonte de Cultura Econômica, 1948.

MENEZES, Edith Oliveira de. **Seca no Nordeste**: desafios e soluções. São Paulo: Atual, 2002.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2014. Cidades. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=251130&search=%7Cpianco>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

PORTAL PIANCÓ. Disponível em: <[http://www.portalpianco.com/porta/index.php?option=com\\_content&view=article&id=46:cidade-de-pianco&catid=38:geral](http://www.portalpianco.com/porta/index.php?option=com_content&view=article&id=46:cidade-de-pianco&catid=38:geral)>. Acesso em: 23 ago. 2014.

ROSS, Jurandir L. Sanches (Org.). **Geografia do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.

SUASSUNA, J. **Semiárido**: proposta de convivência com a seca. 2002. Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/docs/tropico/desat/js070202.html>. Acesso em: 23 ago. 2014.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. **O papel das Políticas Públicas no Desenvolvimento Local e na Transformação da Realidade**. Bahia: AATR, 2002.

VIEIRA, Flávio Lucio R. Celso Furtado: pensador do Brasil. João Pessoa, **Revista Conceitos**, v.6, 2005.

